ISSN: 2525-9091

Revista Científica do Instituto de Ensino Superior de Itapira

O APRENDIZ E OS (DIS)CURSOS DE LÍNGUA INGLESA SOB LENTES BAKHTINIANAS

THE APPRENTICE AND THE ENGLISH LANGUAGE DIS-COURSES UNDER LENS OF BAKHTIN THEORY

Lucas Rodrigues Lopes[1]

1- Docente da Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo "Ogari de Castro Pacheco" FATEC-ITAPIRA e doutorando em Linguística Aplicada pelo Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP.

Contato: lukelopes@yahoo.com.br

RESUMO

O presente trabalho visa trazer reflexões discursivas sobre os aprendizes e (dis)cursos de língua inglesa veementemente veiculados pela mídia a partir de contribuições teóricas de diversos autores que estudam o assunto bem como a análise de enunciados presentes em sites de escolas de inglês. Desse modo, na busca de encontrar vestígios de interpretações, articularemos, entre outros teóricos, o pensamento do teórico russo Bakhtin para nos auxiliar a entender o conceito de discurso e seus diversos desdobramentos na contemporaneidade.
Descritores: língua inglesa; aprendizado; teoria bakhtiniana.

ABSTRACT

This work aims to bring discursive reflections on apprentices and English language courses strongly conveyed by media from theoretical contributions of several authors who study the subject as well as the analysis of statements present in English schools sites. Thus, in seeking to find traces of interpretations, we will articulate, among other theorists, the thought of the Russian theorist Bakhtin to help us understand the concept of speech and its various developments in contemporary times.
Keywords: English language; learning; Bakhtin theory.

Artigo recebido em 01/07/2016; aprovado em 01/08/2016.

INTRODUÇÃO

Experiências de alguns anos com o ensino de línguas materna e estrangeira apontam para a emergência de identidades que, discursivamente, (re)posicionam e questionam o ensino dos que ministram disciplinas de língua estrangeira. Sabe-se também que é comum que alunos, oriundos de uma formação sócio histórica e cultural em constante fluxo, (des)construam o posicionamento do professor diante da construção de conhecimento linear e sequencial, priorizando, nesse caso, um olhar multimodal e em rede, em detrimento de um que, no passado, pudesse corroborar possivelmente uma interdisciplinaridade.

Desse modo, a partir do que é veiculado pela mídia, a atuação do professor de inglês começa a desenhar um (per)curso de ensino e aprendizagem de línguas que é constituído pelo amplo emprego de ferramentas tecnológicas e se centra no uso das redes sociais digitais com o objetivo de integrar alunos ao mundo de oportunidades no trabalho, uma vez que eles, levando em conta as muitas (im)posições corporativas, procuram entender que saber operar com os infinitos mecanismos de uma língua e com as diversas possibilidades de expressão por meio dos gêneros do discurso pode ser o diferencial em sua inserção na esteira corporativa que, indubitavelmente, participa dos inúmeros processos sociais que incluem, mas, ao mesmo tempo, selecionam aqueles que melhor se expressam na transmissão de suas ideias.

Com o objetivo de melhor compreender as diversas representações a respeito do aprendiz de língua inglesa, materializadas nos diversos discursos aos quais escolas de línguas recorrem e fazem de seus aprendizes, interessa-nos saber quais vozes emergem nos textos veiculados em sites. Nesse caso, escolhemos dois sites www.dreamup.com.br e www.dreamon.com.br como nosso dispositivo de análise.

Apropriações teóricas entre análise dialógica do discurso em Bakhtin e a identidade/modernidade em Bauman

Ancorar-nos-emos nos conceitos de modernidade líquida e de identidade, conforme Bauman (2005, p. 96), que nos diz que "em nosso mundo fluído, comprometer-se com uma única identidade para toda a vida, ou até menos do que a vida toda, mas por um longo tempo à frente, é um negócio arriscado". A esse respeito, Lopes (2010, p. 43) nos lembra de que os tempos são tão fugazes e permitem (re)desenhar novos papeis sociais e ações que o prisma da identidade permite "moldar nossas identidades, sem nos fixarmos a uma delas".

Ainda, aprendemos com Bauman (2001, p. 12) que

> Os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro.

Pensando a respeito da modernidade líquida e do modo como se constituem a tomada de decisão e as ações dos indivíduos, podemos dizer que as identidades emergem no/do uso linguagem, uma vez que os fragmentos da identidade são moldados por meio da linguagem, bem como se dá atenção ao interlocutor ou ainda faz-se de outros textos que foram enunciados em outros momentos. Ponzio (2008, p. 101) nos ensinou que

> Falamos sempre através das palavras dos outros, seja por meio de uma simples imitação, como uma pura citação, seja em uma tradução literal ou ainda, nas diferentes formas de transposição, que comportam diferentes níveis de distanciamento da palavra alheia: a palavra entre aspas, o comentário, a crítica o repúdio etc.

Baseando-nos em Bakhtin (2006, p. 114), vemos a "enunciação" como "o produto

da interação de dois indivíduos socialmente organizados". Toda palavra tem duas faces. Ela procede de alguém, como pelo fato ela se dirige para alguém. Ela constitui justamente o *produto da interação do locutor e ouvinte.* Ainda, recorrendo ao teórico russo (2006, p. 115), vislumbramos que

> Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra se apoia sobre meu interlocutor.

Dizemos que, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, o ouvinte ocupa simultaneamente uma posição responsiva. Pode concordar ou discordar dele, completá-lo, aplicá-lo, preparar-se para usá-lo. Bakhtin (2003, p. 272) também nos informou de que "toda compreensão é prenhe de respostas", logo, o fato de compreender alguma forma de enunciado é evidência de que o ouvinte se tornará falante. Com relação a esse aspecto da linguagem, Geraldi (2008, p. 8), no prefácio à edição brasileira de *A revolução bakhtiniana*, de Augusto Ponzio, nos lembra que

> Todo texto, escrito ou oral, está dialogicamente conectado com outros textos. Está pensado em consideração aos outros possíveis textos que este pode proporcionar, antecipa possíveis respostas, objeções, e se orienta em direção a textos anteriormente produzidos, aos que aludem, replicam, refutam ou buscam apoio, aos que congregam, analisam, etc.

Nessa toada, apropriando-nos do que Bazerman (2004, p. 83) discutiu, lembramos que

> Quase toda palavra ou frase que usamos, já tínhamos ouvido ou visto antes. A nossa habilidade e originalidade como escritores vêm da forma como colocamos as palavras de formas diferentes para que supram nossas necessidades específicas; nós sempre confiaremos nas palavras que compartilhamos com outros.

E, agora, mais especificamente, direcionando-nos aos possíveis caminhos de análise do nosso objeto, que são dois sites nos quais são apresentados textos que nos servirão como ponto de partida para refletir a respeito da posição hegemônica ocupada pelo ensino e aprendizagem de inglês que de forma, famigerada, muitas vezes apenas quer alimentar um mercado consumista que diversas vezes não contempla discussões acerca da constituição do sujeito como dialógico, corroborando vozes e sendo atravessado pela ideologia que implica nas crenças, hábitos e costumes de um determinado momento histórico, social e cultural.

Partindo do que é apresentado por Bazerman e estabelecendo interlocuções como que é postulado sobre a modernidade líquida e seus muitos desdobramentos, pensamos que a condição dos cursos de licenciatura, principalmente o de Letras – Inglês, nem sempre preparam o professor para uma atuação mais específica em áreas de línguas para fins específicos e no desenvolvimento de materiais didáticos que visem ao preparo do futuro profissional tecnólogo, o desafio que se lança pode ser descrito por Bauman (2009, p. 21)

> Nossas vidas, quer o saibamos ou não e quer o saudemos ou lamentemos, são obras de arte. Para viver como exige a arte da vida, devemos, tal como qualquer outro tipo de artista, estabelecer desafios que são (pelo menos no momento em que estabelecidos) difíceis de confrontar diretamente; devemos escolher alvos que estão (ao menos no momento da escolha) muito além de nosso alcance, e padrões de excelência que, de modo perturbador, parecem permanecer teimosamente muito acima de nossa capacidade (pelo menos a já atingida) de harmonizar com o que quer que estejamos ou possamos estar fazendo. Precisamos tentar o impossível. E, sem o apoio de um prognóstico favorável fidedigno (que dirá de certeza), só podemos esperar que, com longo e penoso esforço, sejamos capazes de algum dia alcançar esses padrões e atingir esses alvos, e assim mostrar que estamos à altura do desafio

Espelho, espelho meu, que aprendiz de inglês as escolas dizem ser eu?

Interessante chamar à atenção o domínio usado pelas duas escolas de línguas no meio virtual: www.dreamup.com.br e www.dreamon.com.br. Uma delas lança mão do uso da locução verbal + preposição. A outra, substantivo + preposição. Desse modo, as duas empresas estabelecem as condições de produção dos discursos que emergem de seus espaços midiáticos. A que utiliza da locução verbal + preposição "dream up" vislumbra o aluno como o sujeito detentor da criatividade e da inteligência, embora afirme que "observou na prática quais são as habilidades específicas que profissionais de diversas áreas necessitam dominar para desempenhar determinadas tarefas profissionais"; questionamos já de antemão em que medida o ensino e a aprendizagem de uma língua estrangeira é uma atividade sob total controle, uma vez que diversos discursos constituem e são constituídos no campo minado e delicado que é aprendizagem de línguas estrangeiras. Continuando, em contrapartida, ao empregar o uso do substantivo + preposição "on", a escola de idiomas "Dream on" inscreve o ensino e a aprendizagem de inglês como âncora temporal, uma vez que o uso da preposição "on" faz emergir no imaginário dos clientes uma possível interpretação de que, daquele momento em diante, haverá mudanças, porque estudar inglês é a mudança.

[...] "Nós transformamos você em um profissional completo, capaz de utilizar o idioma estudado e solucionar situações reais de sua vida profissional" – www.dreamup.com.br – Considerando as potencialidades do discurso e o uso que dele fazemos para nomear ou instituir coisas, trazemos à atenção nesse enunciado o fato de a escola desconsiderar a impossibilidade da completude constituinte de todo e qualquer ser humano diante do acontecimento que é aprender uma língua. Além disso, torna-se um tanto contraditório declarar que a transformação apenas acontece com um único objetivo: "solucionar situações reais" da vida profissional, uma vez que a língua abarca a metáfora da Biologia como organismo vivo e é causador/causante de inúmeros/inesperados desdobramentos.

Ainda, na sessão de depoimentos (www.dreamup.com.br/depoimentos), a partir desses três breves excertos, observamos que ao ensino e à aprendizagem de inglês são relegados representação de mudança de estado bem como da própria condição do aprendiz; fator a ser evidenciado linguisticamente pelo uso verbal, como, por exemplo, "extravasar", o qual implica dizer: transbordar, ir além do que se espera. Também, observa-se que o emprego dos verbos "decolar" e "dominar" podem evocar um olhar que se lança à possível mudança rizomática que projeta o sujeito de uma possível condição anterior a outro plano. Isto é, o que ele, antes não dominava, agora consegue.

> "Costumo dizer aos meus amigos que, ao invés de terapia, extravaso meu stress nas aulas de inglês".
>
> "Meu inglês decolou" [...]
>
> "Minha necessidade era dominar o inglês comercial" [...]

Digno de nota também é a forma como o inglês atinge níveis hegemônicos estratosféricos, engendrando as ações daqueles ao qual se submetem. A partir desse trecho, pensaremos a respeito:

> "Para enfrentar um mundo globalizado, onde as oportunidades são cada vez mais disputadas, dominar um idioma estrangeiro pode significar o diferencial na hora de conseguir uma boa colocação no mercado de trabalho".

Empreendendo uma visão linguístico-discursiva sob esse trecho acima que também foi veiculado por um site de uma escola de idiomas, percebe-se que os próprios verbos utilizados instauram um embate por fazer uso deles: "enfrentar", "disputadas" "dominar" e "conseguir". E deixa claro a possível polaridade que agrega os candidatos em boa colocação e

falantes de inglês pertencentes ao mundo globalizado.

Agora, pensando a respeito do slogan "Inglês no seu tempo", veiculado pela escola de idiomas do ABC – São Paulo – Dream on – trazemos à baila a dinamização do tempo e a emergência do sujeito da modernidade líquida. Por recorrer a sintagmas nominais, tais, como, por exemplo, "horários flexíveis"; "aulas personalizadas"; "perfil de cada aluno" e "a qualquer momento do dia", a referida escola de idiomas mergulha no discurso do sujeito contemporâneo que precisa ser dinâmico, interativo e se atualizar sempre. Analisemos:

> "Oportunidades para quem quer crescer sempre. Quem é adulto não tem tempo a perder. Não pode investir tempo e dinheiro em um curso que não se encaixa no seu perfil".

Nota-se que o tratamento dado à língua inglesa é o de status de bem de consumo. O desenvolvimento dela faz o cursista crescer. Salta aos olhos o uso do advérbio de frequência que marca uma tendência capitalista que, de forma voraz, quer SEMPRE saber dos resultados que calcados nos pilares do investimento – tempo e dinheiro – novamente circunda e desenha quem é o aprendiz de inglês em (dis)cursos de inglês.

Olhares (in)conclusivos sob o aprendiz em (dis)cursos de língua inglesa

Olhar implica, diversas vezes, senão quase todas, ir além do óbvio e do exercício dúbio de (des)velar os sentidos que subjazem nas instâncias do discurso. Por isso, a tarefa que, aqui, coube-nos foi apenas um caminho (pre)liminar. Discutir os múltiplos discursos que, a respeito dos aprendizes de língua inglesa, são construídos, promulgados e (de)negados se constitui uma tarefa híbrida quando somos professores de língua estrangeira em posição hegemônica em detrimento ao que a língua materna (des)ocupa. Povoam a memória popular, circundam e constroem aprendizes de inglês que, ao se lançarem à árdua e dispendiosa tarefa de aprender e desenvolver a habilidade de se expressar em um idioma são postos no embate ou como guerreiros num campo de batalha. Isto é, "extravasam", "veem seu inglês decolar" e podem "dominar o inglês comercial". Precisam "enfrentar o mundo globalizado" e dominam o "idioma estrangeiro".

Desse modo, é claro que de forma inicial, leva-nos a crer que a língua inglesa é objeto de sedução e fascínio, pois as vias que nos reconduzem na esteira da vida e povoam nosso imaginário associa-se à "boa colocação no mercado de trabalho".

Talvez, poderíamos dizer que há fatores entre o bem e o mal emersos das vozes que constituem os dizeres sobre o aprendiz de língua inglesa nos sites das escolas de idiomas que considera o momento sócio histórico e cultural pelo qual passamos. Nesse sentido, pareceu que tem levado em conta que a posição que os aprendizes de línguas estrangeiras ocupam é líquida e está em constante fluxo. Por isso, (des)constrói o posicionamento do professor diante da construção de conhecimento linear e sequencial, priorizando, nesse caso, um olhar multimodal e em rede.

Assim, os discursos das muitas (im)posições corporativas podem levar aprendizes de língua inglesa a entender que saber operar com os infinitos mecanismos de uma língua e com as diversas possibilidades de expressão por meio dos gêneros do discurso pode ser o diferencial em sua inserção no mundo corporativo, porque, conforme Bauman (2001, p. 12) "Os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida" e ainda apr(e)endemos com Bakhtin (2006, p. 115) que "A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra se apoia sobre meu interlocutor".

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Arte da vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009.

BAZERMAN, Charles**. Intertextuality: How Texts Rely on Other Texts**. What Writing Does and How It Does It, Ed. Bazerman & Paul Prior. Erlbaum, 2004.

GERALDI, João Wanderley. **Prefácio à edição brasileira** de A revolução bakhtiniana. São Paulo: Contexto, 2008.

LOPES, Lucas Rodrigues. **O blogueiro e suas práticas – corpos carnavalizados e interações multifacetadas**. 2010. 122f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade Federal de São Carlos: São Carlos.

PONZIO, Augusto. **A revolução bakhtiniana**. São Paulo: Contexto, 2008.

O autor declarou não haver qualquer potencial conflito de interesses referente a este artigo.